

Região deve apostar na qualificação das gentes alentejanas

José Bravo Nico fala na necessidade de uma "revolução" profissional

O desenvolvimento do Alentejo passará inevitavelmente pelos alentejanos, mulheres e homens que vivem hoje na região, que vivem com esperança, mas que sentem uma grande dificuldade em perspectivar o futuro. É esta a opinião de José Bravo Nico, pró-reitor e responsável pelo Observatório do Desenvolvimento do Alentejo (ODA) que adverte para a necessidade de criação de um modelo de desenvolvimento aglutinador e qualificador da massa humana existente na região. Deste modo, José Bravo Nico defende que este é o grande desafio do Alentejo assente na inovação, criatividade e na incorporação das tecnologias da comunicação e informação que, hoje, são o instrumento mais importante de competitividade a nível global.

Revué (R) - Por onde passa o desenvolvimento da nossa região?

Bravo Nico (BN) - Os modelos mais clássicos de desenvolvimento assentes na inexistência de indústrias com grandes exigências de mão-de-obra não são compatíveis com a nossa realidade. Não temos essa quantidade de pessoas para satisfazer indústrias que necessitam de grande mão-de-obra e a prova disso é a existência de certos concelhos do Alentejo onde estão sedeadas algumas dinâmicas industriais - como Vendas Novas, Ponte Sôr, Évora e Campo Maior - que se debatem com a dificuldade de encontrar quantidade suficiente de pessoas com qualificação adequada às necessidades.

R - Face a esta realidade que descreve, qual deve ser então o rumo do Alentejo?

BN - O Alentejo tem que dar um grande salto no sentido de passarmos de um modelo económico que, até há poucas décadas atrás assentava quase exclusivamente numa agricultura pouco desenvolvida, para eventualmente um modelo de desenvolvimento económico assente numa indústria que utilize muita tecnologia e poucas pessoas. No entanto, essas pessoas têm que ter um nível de qualificação compatível com as exigências dessas indústrias que nós pretendemos que se instalem na nossa região alentejana. Portanto, não podendo o nosso desenvolvimento passar por um modelo que implique grandes quantidades de mão-de-obra, terá que passar por um modelo que não exija tanta mão-de-obra, mas bastante qualificada.

R - A aposta seria na qualificação?

BN - Todos sabemos que o nosso grau de qualificação em termos médios é muito baixo, é talvez um dos mais baixos do nosso País e certamente da União Europeia, portanto este desafio é urgente, porque não temos muito tempo para o superar, correndo o risco de ficarmos completamente excluídos deste modelo europeu que assentará inevitavelmente nesta nova indústria caracterizada pela inovação, criatividade e uma grande incorporação destas tecnologias da comunicação e informação que, hoje, são o instrumento mais importante de competitividade a nível global.



▷ **R - Mas de que forma é que poderia ser implementada?**

BN - Temos, aqui, instituições de formação, empresas, autarquias locais, associações empresariais, institutos do Estado com responsabilidade na área da formação das pessoas que devem apostar muito fortemente nos próximos dez anos numa qualificação dos seus activos. Esta qualificação poderá ser feita através de uma oferta maciça de oportunidades de aprendizagem em contexto laboral e com uma forte componente prática e laboral para aqueles que não trabalham, para que tudo isto tenha significado e eco junto daqueles que produzem no Alentejo. Neste caso, as tecnologias da informação e comunicação são, hoje, indispensáveis para este salto de qualificação.

R - Quem pode fazer isso?

BN - Todos, mas particularmente as autarquias locais porque estas foram as grandes responsáveis pelo grande surto de desenvolvimento que o nosso País teve, em termos de infraestruturas básicas, desde a revolução. Isto só foi conseguido porque as autarquias utilizaram relativamente bem todos os fundos a que tiveram acesso ao longo dos Quadros Comunitários de Apoio (QCA). Como tal, e tendo em conta que o IV QCA é prioritariamente destinado à questão da qualificação das pessoas e dos territórios, não o podemos desperdiçar de forma a viabilizarmos o nosso futuro. Deste modo, entendo que as autarquias em parcerias com as escolas, a Universidade de Évora, os Institutos Politécnicos, o Instituto de Emprego e Formação Profissional, as associações empresariais, a Comissão de Coordenação do Desenvolvimento Regional do Alentejo (CCDRA), podem contribuir para o grande desígnio que é a qualificação dos alentejanos.

R - Neste contexto, qual é o papel que cabe à Universidade de Évora?

BN - A Universidade de Évora poderá ser considerada o maior recurso que o Alentejo tem, é aqui que se concentra um recurso fundamental que é o conhecimento e que é, no fundo, toda a criatividade e inovação que a instituição é capaz de proporcionar à região Alentejo, mas que infelizmente, não tem muitas vezes conseguido ultrapassar os muros da sua própria casa. Nós temos consciência disso, temos feito um enorme esforço para que o nosso conhecimento, a nossa tecnologia e toda a nossa capacidade de inovação e de criatividade que decorre da produção do conhecimento e da sua aplicação possa sair da universidade para chegar aos empresários, às pessoas que investem, a todo o tecido económico e empresarial do Alentejo. Nós temos que ser um parceiro fundamental e o gran-

de impulsor do desenvolvimento do Alentejo.

R - É essa a função do Observatório do Desenvolvimento do Alentejo?

BN - O Observatório do Desenvolvimento do Alentejo (ODA) insere-se nesta política de aproximação entre a Universidade e a Região, é uma das interfaces que neste momento existe entre a Universidade de Évora e o Alentejo. Embora não faça parte das competências específicas do ODA promover essa aproximação entre a região e a Universidade - uma vez que o Observatório é um organismo da Universidade que tem uma competência específica de ter uma fotografia actualizada e que nos faça a medição do que se vai passando em termos de desenvolvimento económico e social no Alentejo - nós não podemos esquecer que através da actividade que temos vindo a desenvolver, temos tido a oportunidade de contactar com muitos responsáveis que, neste momento, têm um papel importante nas decisões que se vão tomando e que condicionam o desenvolvimento económico e social da nossa região.

R - Em suma, é chegada a hora de mudar o rumo do Alentejo?

BN - Penso que sim. É chegada a hora de assumirmos as nossas responsabilidades e tentarmos fazer dar um grande salto que é sair de uma economia rudimentar, com poucas pessoas e com pouca qualificação para uma economia assente no conhecimento, fazendo do Alentejo uma região com um grande índice de competitividade. Eu dou sempre o exemplo do vinho. Hoje, o Alentejo agrícola tem um produto de grande competitividade nos mercados internacionais - o vinho alentejano. Mas como é que isso foi possível? Porque conseguimos aliar tudo o que de bom tinha o Alentejo em torno do vinho, aliámos o conhecimento tradicional, as culturas e os saberes locais - tudo isto foi valorizado - e fizemo-lo articulando tudo isto com a investigação que foi feita na Universidade de Évora, com a tecnologia também desenvolvida nesta instituição, com os nossos químicos, com os nossos especialistas em economia e em marketing, com os gestores que formamos e que hoje ocupam alguns cargos de destaque em muitas das empresas que produzem vinho. Cada copo de vinho alentejano tem dentro dele não só o aroma característico do Alentejo, mas tem muito conhecimento científico e tradicional, o que faz do vinho do Alentejo um produto competitivo. Se nós replicarmos o exemplo do vinho a outras áreas da nossa vida económica e social, não vejo porque é que nós não podemos ter futuro aqui, sendo competitivos internacionalmente. ■